

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO — 6

Nélson Jahr Garcia

BIOGRAFIA DO AUTOR — 10

CAPÍTULO PRIMEIRO — 13

De como a princesa Amaside encontra um boi

CAPÍTULO SEGUNDO — 18

De como o sábio Mambrés, antigo feiticeiro do Faraó reconheceu uma velha, e como foi por ela reconhecido.

CAPÍTULO TERCEIRO — 24

De como a bela Amaside teve uma entrevista secreta com uma bela serpente.

CAPÍTULO QUARTO — 33

De como quiseram sacrificar o boi e exorcismar a princesa.

CAPÍTULO QUINTO — 39

De como o sábio Mambrés sabiamente se conduziu.

CAPÍTULO SEXTO — 48

De como Mambrés encontrou três profetas e lhes ofereceu um bom almoço.

CAPÍTULO SÉTIMO — 53

Chega o rei de Tânis. Sua filha e o touro vão ser

sacrificados.

CAPÍTULO OITAVO — 56

De como a serpente contou histórias à princesa,
para a consolar.

CAPÍTULO NONO — 58

De como a serpente não a consolou.

CAPÍTULO DÉCIMO — 64

De como quiseram cortar o pescoço à princesa, e
de como lho não cortaram.

CAPÍTULO UNDÉCIMO — 68

De como a princesa desposou o seu boi.

NOTAS — 73

O TOURO BRANCO

*Traduzido do siríaco pelo senhor Mamaki,
intérprete do Rei da Inglaterra para as línguas
orientais*



VOLTAIRE

APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

Não se conhece muito bem a intenção de Voltaire ao escrever “O Touro Branco”. Há hipóteses: plausíveis, lógicas, mas hipóteses. Uma delas sugere que tenha se inspirado em lendas orientais a respeito da metamorfose animal.

A mais provável, já que Voltaire sempre se interessou por religiões e mitos, é de que ele teria coletado, dentre os mitos religiosos orientais, aqueles em que os homens entrassem em contato com aos animais, mesclando-os com outros. Reuniu, assim, numa comédia animal, a serpente do paraíso, o asno de Balaão, a baleia de Jonas com as divindades do Egito, igualmente relacionadas a animais, especialmente o touro-rei.

Mas é o mesmo e inconfundível Voltaire, com seu conhecimento da alma humana, a filosofia profunda e a ironia impecável. Não é tão irreverente como em outras obras, mas parece não ter resisitido a sê-lo em algumas oportunidades:

A serpente do paraíso, contestando a sua condenação, retruca:

“Nada disso: dei-lhe o melhor conselho do mundo. Ela honrava-me com a sua confiança. Eu era de parecer que ela e seu marido deviam provar do fruto da árvore da ciência. Acreditava agradar assim ao senhor das coisas. Uma árvore tão necessária ao gênero humano não me parecia plantada para ficar inútil. Desejaria o Senhor ser servido por ignorantes e idiotas? Não é feito o espírito para esclarecer-se e aperfeiçoar-se? Não se deve conhecer o bem e o mal para praticar o primeiro e evitar o segundo? Por certo só me deviam agradecimentos.”

A observação sobre os usuais equívocos da corte lembram, ligeiramente, nossa Capital Federal:

“Todos os ministros de Estado concluíram que o touro branco era um feiticeiro. Dava-se exatamente o contrário: ele estava enfeitado; mas na corte sempre se enganam nesses delicados assuntos.”

Sobre as fábulas, essas historietas que nos são tão queridas de infância, Voltaire, pela voz de Amaside, decreta:

“Essas histórias me aborrecem — respondeu a bela Amaside, que tinha inteligência e bom gosto. — Só servem para ser comentadas entre os irlandeses, por esse louco do Abbadie, ou entre os velches por esse frasista do Houteville As histórias que podiam contar à tataravó da tataravó da minha avó já não servem para mim, que fui educada pelo sábio Mambrés e que li o Entendimento Humano do filósofo egípcio chamado Locke e a Matrona de Éfeso. Quero uma história que seja fundada na verossimilhança e que não se assemelhe sempre a um sonho. Desejo que não tenha nada de trivial nem de extravagante. Desejaria sobretudo que, sob o véu da fábula, deixasse transparecer aos olhos exercitados alguma fina verdade que escapa ao vulgo. Estou cansada do sol e da lua de que uma velha dispõe a seu bel-prazer, das montanhas que dançam, dos rios que remontam à sua fonte, e dos mortos que ressuscitam; mas, quando essas tolices são escritas em estilo empolado e ininteligível, ai sim, que me desgostam horivelmente.”

Ironia sobre divindades, não faltou, é sugestiva:

“Mais além, surgiam, na mesma pompa, a ovelha de Tebas, o cão de Bubasta, o gato de Febe, o crocodilo de Arsinoe, o bode de Mendés, e todos os deuses inferiores do Egito, que vinham render homenagem ao grande boi, ao grande deus Apis, tão poderoso quanto Isis, Osiris e Hórus juntos.

No meio de todos esses semideuses, quarenta sacerdotes carregavam um enorme cesto cheio de cebolas sagradas, que não eram deuses, mas que muito se lhes assemelhavam.”

E o que me parece genial: a princesa Amaside fora proibida pelo pai de pronunciar o nome de seu amado, sob pena de decapitação. Ela tentou dizer: Na... e foi advertida pelo sábio Mambrés do risco que começava a correr. Com mais ousadia pronunciou Nabu..., logo depois Nabuco... e, finalmente, Nabucodonosor. Nesse momento alcançou a liberdade, enfrentou o pai e casou-se com o seu amado: “o grande rei que não era mais boi!”. É para se meditar.

BIOGRAFIA DO AUTOR



FRANÇOIS-MARIE AROUET, filho de um notário do Châtelet, nasceu em Paris, em 21 de novembro de 1694. Depois de um curso brilhante num colégio de jesuítas, pretendendo dedicar-se à magistratura, pôs-se ao serviço de um procurador. Mais tarde, patrocinado pela sociedade do Templo e em particular por Chaulieu e pelo marquês de la Fare, publicou seus primeiros versos. Em 1717, acusado de ser o autor de um panfleto político, foi preso e encarcerado na Bastilha, de onde saiu seis meses depois, com a Henriade quase terminada e com o esboço do OEdipe. Foi por essa ocasião que ele resolveu adotar o nome de Voltaire. Sua tragédia OEdipe foi representada em 1719 com grande êxito; nos anos seguintes, vieram: Artemise (1720), Marianne (1725) e o Indiscret (1725).

Em 1726, em conseqüência de um incidente com o cavaleiro de Rohan, foi novamente recolhido à Bastilha, de onde só pode sair sob a condição de deixar a França. Foi então para a Inglaterra e aí se dedicou ao estudo da língua e da literatura inglesas. Três anos mais tarde, regressou e publicou Brutus (1730), Eriphyle (1732), Zaïre (1732), La Mort de César (1733) e Adélaïde Duguesclin (1734). Datam da mesma época suas Lettres Philosophiques ou Lettres Anglaises, que provocaram grande escândalo e obrigaram a refugiar-se em Lorena, no castelo de Madame du Châtelet, em cuja companhia viveu até 1749. Aí se entregou ao estudo das ciências e escreveu os Eléments de le Philosophie de Newton (1738), além de Alzire, L'Enfant Prodigue, Mahomet, Mérope, Discours sur l'Homme, etc.

Em 1749, após a morte de Madame du Châtelet, voltou a Paris, já então cheio de glória e conhecido em toda a Europa, e foi para Berlim, onde já estivera alguns anos antes como diplomata. Frederico II conferiu-lhe honras excepcionais e deu-lhe uma pensão de 20.000 francos, acrescentando-lhe assim a fortuna já considerável. Essa amizade, porém, não durou muito: as intrigas e os ciúmes em torno dos escritos de Voltaire obrigaram-no a deixar Berlim em 1753.

Sem poder fixar-se em parte alguma, esteve sucessivamente em Estrasburgo, Colmar, Lyon, Genebra, Nantua; em 1758, adquiriu o domínio de Ferney, na província de Gex e aí passou, então, a residir em companhia de sua sobrinha Madame Denis. Foi durante os vinte anos que assim viveu, cheio de glória e de amigos, que redigiu *Candide*, *Histoire de la Russie sous Pierre le Grand*, *Histoire du Parlement de Paris*, etc., sem contar numerosas peças teatrais.

Em 1778, em sua viagem a Paris, foi entusiasticamente recebido. Morreu no dia 30 de março desse mesmo ano, aos 84 anos de idade.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

